

ESTAMOS TODOS "ORANDO POR BOBBY": A ANGÚSTIA E A EXPERIÊNCIA DA DOR COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Deonato Fetz Júnior

Alessandro da Silva Guimarães

Este trabalho indaga as experiências vividas por uma personagem do filme *Orações para Bobby* (de Russell Mulcahy, 2009, baseado em fatos reais) chamada Mary Griffith, interpretada por Sigourney Weaver, e a forma como estas experiências se relacionam com sua intimidade religiosa, social e familiar moldando seu modo de ser-no-mundo e abrindo para ela novas possibilidades de ser-com-o-outro. Estes conceitos (ser-no-mundo; ser-com-o-outro) têm origem no pensamento do filósofo Martin Heidegger, onde ser-no-mundo se caracteriza como a capacidade do homem de experienciar o mundo sendo junto a ele e ser-com-o-outro refere-se à capacidade do homem de se abrir a possibilidades de vivências com o outro. O filme nos mostra Mary Griffith, mulher cristã que acredita por causa da sua religiosidade que é errado vivenciar a homossexualidade, vivendo um momento existencial conflitante após seu filho mais novo Bobby Griffith (Ryan Kelley) decidir se lançar de uma ponte e encerrar sua existência aos vinte anos. Após encontrar um diário com anotações dele, passa a compreendê-lo e isso desvela para ela a possibilidade de se tornar uma ativista dos direitos dos homossexuais. As questões que orientaram este trabalho foram: 1) Como as experiências de ter um filho homossexual podem desvelar um novo modo de compreender o mundo a partir do respeito à diferença? 2) Como vivenciar a dor da perda de um filho ante uma situação de preconceito sexual/religioso pode abrir possibilidades para questionar sua fé e, dessa forma, produzir sentidos para vivenciá-la de forma mais humanizada? A partir da fenomenologia existencial de Heidegger, em especial as suas reflexões sobre a angústia e a morte desenvolvidas em *Ser e Tempo*, percebemos que a morte de Bobby traz à existência de Mary o fenômeno da angústia, onde sua angústia a põe diante de si e revela-lhe a sua essência transcendente, desconexa do mundo. Para Heidegger, mais nadificante do que a ideia, ou pensamento, de negação (que não vê sentido em coisa alguma) é a própria experiência de dor. É através do sofrimento que o homem se vê de forma mais radical diante do abismo de sua existência e, desta forma, ao mesmo tempo que a angústia paralisa Mary, ela também abre a ação, abre para a vida.

Palavras-chave: angústia, sexualidade, religiosidade, fenomenologia.